

“Um dia você há de escrever a história deles!”: identidades, historiadores e imigrações*

Bruna Silva**
Beatriz Anselmo Olinto***
Marcos Nestor Stein****

Introdução

[...] é, eu gostei, como eu tinha muito material, como eu trabalhava na comunidade [ucraniana] e depois que eu escrevi sobre a comunidade, então eu virei assim, bala zequinha,¹ hoje estou virando nota de rodapé, fui reduzida a nota de rodapé, né? (Oksana Boruszenko, 2017).

O presente artigo busca lançar algumas reflexões sobre a narrativa de Oksana Boruszenko, tanto no fazer-se como historiadora profissional

* O artigo foi elaborado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – código de financiamento 001. É um dos resultados do estágio pós-doutoral na Universidade Federal Fluminense (UFF), vinculado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) *Propriedades: história social das propriedades e direitos de acesso*, coordenado pela professora Márcia Maria Mendes Motta.

** Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Doutoranda em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: brunasilva@gmail.com.

*** Doutora em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e docente do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Unicentro. E-mail: bialinto@hotmail.com.

**** Doutor em História Cultural pela UFSC e docente do Colegiado de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Unioeste. E-mail: mancha36@hotmail.com.

1 *Bala zequinha* é referência ao doce que foi muito popular no Paraná a partir da década de 1930. A bala trazia figurinhas mostrando o personagem nas mais diversas atividades, situações e locais. Ou seja, algo semelhante a estar presente em vários lugares, sempre.

no Brasil da segunda metade do século XX, quanto na construção de sua identidade ligada à concepção de ucranidade. A entrevista com a historiadora ocorreu em março de 2017, em sua casa, na cidade de Curitiba (PR). As paredes da sala do apartamento de Boruszenko não passaram despercebidas, pois estavam ornamentadas com pinturas de diferentes lugares. Boruszenko contou que ganhou algumas daquelas pinturas, muitas delas identificadas com motivos ucranianos. A “ucranidade”, termo utilizado por ela, não estava apenas nas paredes, no sofá, nas almofadas e nos tapetes, mas também na fala, nas roupas que vestia e circunscrita em seu corpo. A entrevista durou cerca de 1h30min e foi iniciada pela narrativa dos motivos que levaram a família de Boruszenko a sair da Ucrânia. Seguiu-se a narração da passagem pelo acampamento de refugiados na Alemanha, da vinda ao Brasil e, finalmente, do percurso intelectual da entrevistada, abarcando a sua participação em grupos de historiadores como a Associação Nacional de História (Anpuh) e a Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH).

É pertinente apontar que as entrevistas orais são momentos de diálogos realizados em um processo relacional e fluido entre entrevistador e entrevistado que resultam em uma possibilidade de narrativa que, posteriormente, pode ser transformada, por meio da transcrição, em texto escrito. Assim, corrobora-se a definição de Verena Alberti, que analisa a metodologia da história oral como um processo que consiste

[...] na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a *narrativa*. Um acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista. Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. (Alberti, 2003, p. 1, grifo no original).

A memória evocada é organizada através da narrativa, que produz um sentido. O narrador constrói seu passado ao mesmo tempo em que o narra. Assim, a história oral produz um passado, mas isso não significa “[...] que o passado não tenha existido antes dela” (Alberti, 2003, p. 1). Alberti chama a

atenção dos historiadores para que não se esqueçam dessa diferença, ou seja, as narrativas são “versões do passado, não cabendo ao pesquisador julgá-las” (Alberti, 2003, p. 2), mas sim, analisá-las em seus próprios contextos.

O caráter seletivo da memória e a sua relação com a narrativa foi apontado por Paul Ricoeur, para quem a narrativa possibilita que os mesmos acontecimentos “não sejam memorizados da mesma forma em períodos diferentes” (Ricoeur, 2003, p. 4). A memória evocada pelo entrevistado é uma produção única pertencente ao presente em que foi narrada, subjetiva e instigante ao mesmo tempo: “O testemunho é, num sentido, uma extensão da memória, tomada na sua fase narrativa. Mas só há testemunho quando a narrativa de um acontecimento é publicitada” (Ricoeur, 2003, p. 3).

Narrativas, subjetividades e imigração

Na narrativa de Oksana Boruszenko há uma tentativa de conexão entre a imigração de sua família e as interpretações sobre a imigração ucraniana para o Paraná em geral. Alguns pesquisadores consideram, inclusive a própria entrevistada,² que tal processo ocorreu em três momentos. O final do século XIX, entre os anos de 1895 e 1897, é datado como a chegada dos primeiros ucranianos ao Brasil, especialmente nos portos de Santos e Paranaguá. Segundo Leonardo Podolano Garin, “os imigrantes que chegaram em 1895 fixaram-se [...] nos arredores de Curitiba-PR. Os imigrantes de 1896 e 1897 encaminharam-se para Prudentópolis-PR e Marechal Mallet-PR, respectivamente” (Garin, 2012, p. 12). O referido autor afirma que essa primeira leva de imigrantes vinda ao fim do século XIX era primordialmente de pessoas que viviam no campo e que foram atraídas, especialmente, pela propaganda brasileira. Sobre esse período da imigração, Boruszenko narra:

[...] o imperador convidou, disse que precisava de imigrantes europeus nesse país. Os agentes se aproveitaram da fala dele e mandaram cartas individuais em nome do imperador. Ora, um lavrador lá na Ucrânia, recebendo uma carta em ucraniano assinado pelo próprio imperador do Brasil, botava a carta no bolso e ia. Chegava aqui, não tinha mais imperador, havia sido proclamada a

2 Esta questão será apresentada a seguir, quando Oksana Boruszenko explica sobre a imigração ucraniana no Brasil.

república. Os republicanos não estavam preocupados com os imigrantes que chegavam, mas estavam interessados em consolidar a tal da república, que estava mal das pernas nos primeiros anos. Então, eles não tiveram assistência de ninguém, por isso foi muito penoso o início deles, sem saber a língua, [...] o mundo virado do avesso, quando lá era verão aqui era inverno. Não sabiam quando plantar, não sabiam o que plantar. (Oksana Boruszenko, 2017).

De acordo com a entrevistada, o convite que teria sido entregue aos lavradores na Ucrânia foi o principal atrativo para a vinda dos primeiros imigrantes ao Brasil, ainda no século XIX. As dificuldades encontradas ocorreram devido à mudança governamental no Brasil que passou de monarquia para república. As primeiras tentativas de se estabelecerem foram dificultadas, de acordo com a narrativa, pelo desconhecimento do clima no Brasil e suas especificidades.

O segundo fluxo migratório aconteceu início do século XX, entre os anos de 1908 e 1914, e teria trazido ao Brasil, especialmente ao Paraná, cerca de 18.500 pessoas provenientes da Galícia³ (Garin, 2012, p. 12). Entretanto,

[...] o maior momento da migração ucraniana ainda estava por vir, que foi após a Segunda Guerra Mundial, com o fim da guerra, estimou-se que mais de 200 mil migrantes deixaram a Ucrânia, sendo cerca de 7 mil em direção ao Brasil. (Garin, 2012, p. 13).

No início da entrevista, Boruszenko associa a sua vinda ao Brasil a essa última onda migratória. A explicação dela sobre a imigração também divide a vinda de imigrantes em três fases:

[...] porque imigrante tem três fases, sabe? Aqui no Paraná. Ucranianos, isso no final do XIX, início do século XX, que vieram para agricultura, depois outra leva, entre as duas guerras, já mais intelectualizada, mais politizada, eram aqueles envolvidos na luta pela independência da Ucrânia. Como eles não conseguiram a independência depois da Primeira Guerra – que a Ucrânia foi dividida entre a Rússia e a Polônia –, esses imigraram para fora para não serem perseguidos lá na Europa, então vieram para cá. E os refugiados depois da Segunda Guerra Mundial... Então veio tudo que

3 A região da Galícia à qual nos referimos é situada a oeste da Ucrânia e ao sul da Polônia.

é tipo de gente, vieram profissionais liberais, vieram operários qualificados, vieram agricultores. (Oksana Boruszenko, 2017).

O fragmento acima indica que, ao falar sobre a vinda dos imigrantes, a historiadora identifica os imigrantes e suas motivações para a saída da Ucrânia. Os três diferentes momentos da imigração ucraniana foram constituídos por categorias bem-definidas de pessoas: agricultores, intelectuais politizados e, num último momento, após a Segunda Guerra, refugiados. Na sequência a professora busca relacionar o movimento histórico que descreve com o desenvolvimento de suas próprias pesquisas sobre o tema. Para ela, a historiografia sobre essa população era baseada em estereótipos negativos. Assim, a superação pessoal é estendida a todo o grupo de imigrantes:

[...] se tenho algum mérito, é porque fui a primeira pesquisadora que estudei esta comunidade sistematicamente e consegui derrubar dois conceitos negativos sobre eles, porque diziam que ucraniano na realidade era polaco virado pelo avesso, que ucraniano era pobre, pobre de marré marré, integrava o proletariado, e que era analfabeto. [...] E eu consegui provar que não era nada disso [...]. (Oksana Boruszenko, 2017).

Ao se posicionar como a primeira historiadora a estudar sistematicamente a imigração ucraniana, marcando a diferença entre o imigrante ucraniano e o imigrante polonês, Boruszenko constitui um discurso sobre a identidade do *imigrante ucraniano*. A principal característica que particulariza essa identidade envolveria o fato de, especificamente, esse imigrante *comprar* a terra em que viveria e plantaria no Brasil. Portanto, a diferença entre os dois grupos se daria em função do poder aquisitivo:

[...] ele comprava a terra do governo, era o primeiro proprietário. Fui pesquisar os arquivos de cartório. Por exemplo, Antônio Olinto, Lapa, Marechal Mallé, Paulo Frontin, Prudentópolis, e eles são os primeiros compradores. Ora, quem compra terra tem que pagar, mesmo que seja a prestação, mas tem que dar entrada, então ele não é pobre, pobre, pobre [...] proletariado. (Oksana Boruszenko, 2017).

Como afirmado anteriormente, Boruszenko perscruta a construção de uma identidade ucraniana ancorada em uma atividade econômica – ser

agricultor e proprietário de sua terra. O antípoda desse sujeito, para ela, é o proletariado – que está situado em um nível inferior na escala socioeconômica. O trecho de sua fala também versa sobre a construção de uma identidade de imigrantes: a historiadora toma para si o mérito de provar pela escrita da história que os eles não eram pobres, nem analfabetos.

Se, no primeiro fragmento de sua narrativa, a imigração foi justificada pelo convite do imperador brasileiro ou pela Segunda Guerra Mundial, ou seja, motivos externos à Ucrânia, no fragmento abaixo vemos que no interior do país havia problemas que impediram ou, pelo menos, dificultaram a permanência naquele território: o domínio Austro-Húngaro, a superpopulação ou a economia desfavorável. Sobre a imigração de ucranianos para o Brasil, Milan Puh, Cibele Krause-Lemke e Tadinei Jacumasso apontam que o processo intensificou-se por uma série de problemas dentro da própria Ucrânia:

A migração da população ucraniana da Ucrânia Ocidental, conhecida como Galícia, começou a intensificar-se no final do século XIX, quando lavradores da Galícia e da Bucovina – sob o domínio do Império Austro-Húngaro – enfrentaram problemas de superpopulação, fraca industrialização e condições econômicas desfavoráveis. Muitos ucranianos saíram da região para se instalar, primeiramente, em lugares de menor densidade demográfica dentro do próprio império e, quando tal possibilidade deixou de ser viável, procuraram outros lugares, dentre os quais se encontra o Brasil. (Puh; Krause-Lemke; Jacumasso, 2016, p. 36).

Quando Boruszenko constitui a diferença entre ucranianos e poloneses, é possível recordar dos estudos realizados a respeito dos imigrantes poloneses por Ruy C. Wachowicz, que também lecionou no curso de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). No livro intitulado *O camponês polonês no Brasil*, publicado em 1981, o pesquisador descreve a chegada desses imigrantes ao país como a de pessoas vindas de uma Europa atrasada e arcaica que há pouco havia conhecido o modo de produção capitalista. Para Wachowicz:

Os poloneses, apesar de seu atraso com relação aos moldes da Europa ocidental, sentiram sua superioridade técnica, e isto os satisfaz em seu orgulho. Onde quer que as populações nativas brasileiras entrassem em concorrência, os poloneses se impuseram na agricultura. (Wachowicz, 1981, p. 12).

Se por um lado o grupo de imigrantes poloneses foi colocado como parte de uma Europa atrasada, por outro, quando chegaram ao Brasil, o atraso deixou de existir, pois, na concepção do autor, as técnicas brasileiras de agricultura seriam inferiores às deles. Destaca-se que o historiador constrói identidades de forma relacional e dicotômica, com as polaridades europeu/polonês e polonês/brasileiro: da qualidade de um decorre a desqualificação do outro. Então, para Wachowicz, no Brasil o polonês na condição de pequeno proprietário teria maior possibilidade de prosperar economicamente. Além disso, o autor é enfático em descrever o imigrante polonês como um sujeito que teria “verdadeiro pavor de trabalhar como empregado para um senhor” (Wachowicz, 1981, p. 58). Tais afirmações são baseadas em trechos de cartas de imigrantes enviadas aos parentes na Polônia. O historiador detalha essa situação da seguinte maneira:

Eram as massas camponesas e proletárias que emigravam, legítimos representantes da Europa oprimida e subdesenvolvida. Era a Europa atrasada e semi-senhorial que se manifestava, pouco conhecida do resto do mundo, pois só se exaltavam as maravilhas que a revolução industrial proporcionava. Mas esta outra Europa existia e fazia sentir sua existência, protestando através da emigração. Estas massas camponesas que se deslocavam para a Alemanha, para embarque nos portos de Bremen e Hamburgo, chamavam atenção às populações urbanas alemãs, pelo seu exotismo. (Wachowicz, 1981, p. 58).

Além do fato dos primeiros imigrantes poloneses vindos ao Brasil terem saído de uma Europa arcaica e atrasada, que passava por um momento de transição relativo aos modos de produção no fim do século XIX, Wachowicz afirmou que não só camponeses emigravam, mas também proletários, pois no Brasil havia a esperança de tornarem-se donos de si mesmos e das terras que cultivariam. Assim, em Wachowicz, a identidade polonesa é construída por meio da diferenciação entre agricultor proprietário e proletário. Oksana Boruszenko procura qualificar o imigrante ucraniano construindo sua identidade a partir de atividades econômicas. Ruy Wachowicz, por sua vez, também busca qualificar o imigrante polonês como trabalhador, mas permeado pelo desejo de gerir a si próprio sem o comando de um patrão e ávido por ser dono de suas terras e cultivá-las. Portanto, Wachowicz compreende o polonês como sendo um trabalhador rural ou um trabalhador fabril pouco adaptado ao modo de produção capitalista:

[...] os imigrantes poloneses aportados ao Brasil provinham de uma sociedade que havia passado há pouco tempo pela desagregação da economia agrária, baseada na servidão, e que estava em pleno processo de adaptação à economia de concorrência capitalista. (Wachowicz, 1981, p. 58).

A construção do sujeito polonês delineada por Wachowicz opõe-se à construção de Boruszenko em relação ao imigrante ucraniano, já que em sua interpretação as pessoas que vieram ao Brasil não pertenciam ao proletariado pobre. No entanto, as duas construções identitárias são igualmente qualificadas positivamente por ambos os historiadores. Boruszenko enfatiza, por exemplo, que os imigrantes ucranianos eram pessoas letradas e interessadas em educar formalmente as suas crianças:

E, quando eu comecei a andar com as entrevistas pelas casas, eu reparava que sempre tinha uma prateleira de livros, onde não tinha só a Bíblia e o livro de poemas do poeta maior da Ucrânia, mas tinha livros de literatura atual da época em que eles vieram. Ora, quem importa livros e quem importa professores para ensinar suas crianças e paga estes professores, né? Ele não é pobre de marré marré, ele tem dinheiro. E é consciente, ele tinha consciência da ucranidade dele. (Oksana Boruszenko, 2017).

Boruszenko, provavelmente, refere-se aos poemas escritos por Taras Chevtchenko, mencionado pelo site *Representação Central Ucraniano-Brasileira* como sendo “[...] gênio, um fervoroso patriota, um grande artista, o poeta maior da Ucrânia” (Taras, s.d.). Ainda de acordo com o site, Chevtchenko era filho de camponeses pobres, nascido em 9 de março de 1814, de maneira que muitos ucranianos puderam se identificar com sua trajetória de vida. Seus poemas, além de colocarem a língua ucraniana em evidência na literatura mundial,

iria[m] encorajar seus compatriotas, então intimidados com a cruel opressão dos tzares russos, a reagirem contra o servilismo dos nobres e contra a servidão a que estavam submetidos, e a continuarem a luta pela independência e autodeterminação da Ucrânia. (Oksana Boruszenko, 2017).

Ora, as pessoas que Boruszenko visitou em suas residências carregavam consigo não apenas livros de poesia escritos por Chevtchenko ou a Bíblia Sagrada, mas símbolos de um povo, de um grupo de pessoas que, ainda que

fosse no Brasil, legitimavam as suas trajetórias de vida aproximando-as com a biografia e a literatura do poeta, sem deixar as ressignificações cristãs e religiosas de lado. A entrevistada demonstra também uma preocupação em reafirmar os ucranianos como pessoas inseridas na cultura erudita, já que possuíam livros de literatura contemporâneos no momento em que chegaram ao Brasil, ao mesmo tempo em que afasta o estereótipo de serem eles apenas nacionalistas e religiosos.

Nesse contexto, conforme afirmam Puh, Krause-Lemke e Jacumasso, na Ucrânia havia uma considerável vigilância em relação às práticas religiosas, pois

[...] a liberdade de expressar a sua fé religiosa estava sob o domínio do Estado, de modo que não se podia rezar em qualquer horário, por exemplo. Essa falta de liberdade é algo significativo para os ucranianos, justamente porque uma de suas características é esse apego às questões ligadas à Igreja. (Puh; Krause-Lemke; Jacumasso, 2016, p. 47).

Na narrativa de Boruszenko não é apontada a falta de liberdade na Ucrânia, mas ela evidencia a condição letrada e a devoção dos imigrantes. Por outro lado, Puh, Krause-Lemke e Jacumasso explicam que tal devoção religiosa em terras brasileiras pode ter sido reforçada pelas proibições na Ucrânia, quando o país foi dividido entre a Rússia e a Polônia, por isso o elemento de sentimento religioso pode ser adicionado ao apego patriótico.

Nesse sentido, essas condições adversas pelas quais passaram os ucranianos antes de saírem do seu país serviram também como elemento fortificador do seu patriotismo. Por isso, em novas terras, como na Croácia e no Brasil, por exemplo, eles se preocuparam em criar escolas étnicas, igrejas e grupos folclóricos a fim de servirem como espaços nos quais a língua e cultura ucraniana fossem passadas para as futuras gerações. Apesar de todas as dificuldades de adaptação nas novas terras, a preocupação principal era a vida religiosa e a educação. (Puh; Krause-Lemke; Jacumasso, 2016, p. 47).

Em relação à educação, em especial a respeito de seus estudos, Boruszenko afirma: “Mas a minha casa era... dá pra ver até hoje, era muito ucraniana [...]” (Oksana Boruszenko, 2017). A afirmação da professora não é apenas uma lembrança, é algo reafirmado para além da linguagem, corporificado na extensão do corpo e da casa. Para François Hartog (2011), assim como Paul Ricoeur já havia sugerido, escolhem-se, em especial para a construção de um discurso ou

narrativa, elementos que permanecem importantes – vivos –, ou seja, elementos que continuam tendo sentido em existir. Por sua vez, Pierre Nora (1993) lembra que um lugar deve ser constantemente reconstruído, portanto, o lugar de memória e o discurso/narrativa não são dissociados.

Por conseguinte, Boruszenko constitui sua identidade individual atrelada à dos imigrantes ucranianos, tecendo seu espaço de pertencimento no interior desse grupo. As características do grupo são construídas como indicativos identitários e decorrem do fato de serem letrados e não fazerem parte do proletariado pobre. Diante disso, torna-se pertinente lembrar que

[...] as identidades são construídas dentro e não fora do discurso e que nós precisamos compreendê-las como produzidas em lugares históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (Hall, 2000, p. 109).

Oksana Boruszenko, ao ser questionada sobre quais foram os motivos que a levaram a ingressar no curso de História na Universidade Federal do Paraná, após um suspiro e uma pausa, respondeu: “Por coerção” (Oksana Boruszenko, 2017). O motivo que a levou a se tornar historiadora é detalhado, na sequência, da seguinte maneira:

[...] eu cheguei ao Brasil em 1949. Vim ao Brasil com dez anos de idade [...]. Eu nasci em 1939, quando começou a Segunda Guerra. E assim que a guerra acabou, nós estávamos na Alemanha, a minha família foi levada para a Alemanha pelo governo alemão, quando estavam retirando-se de lá, dos países eslavos. O fim da guerra nos pegou na Alemanha e nós fomos para um acampamento de refugiados na Zona de Administração Norte-Americana e tentamos imigrar para o Novo Mundo. (Oksana Boruszenko, 2017).

A narrativa traça os caminhos que a família percorreu devido aos transtornos que uma guerra pode causar, especialmente o deslocamento forçado. Boruszenko relembra que a família não poderia voltar para a Ucrânia, mesmo com o fim da guerra, devido ao medo de serem acusados de traição:

A gente não podia voltar para a Ucrânia, porque como a Ucrânia ficou para os soviéticos, e eles na época estavam colonizando a Sibéria... Então se a gente voltasse, ‘Voltou por quê? Por que saiu? Você traiu a pátria saindo, então você vai direto para a Sibéria.’ (Oksana Boruszenko, 2017).

A vinda para o Brasil é representada como uma viagem para o Novo Mundo, um espaço de oportunidades para todo o núcleo familiar. Além disso, como filha mais velha, a ela foi imputada a tarefa de fazer algo pela Ucrânia, mesmo que esse país estivesse distante e que um possível retorno dificilmente ocorreria. Em sua narrativa, a escolha por cursar História está impregnada de sentimentos patrióticos; trata-se de uma espécie de dívida para com a pátria, algo que deveria estar acima de seus desejos individuais. É o que podemos ler no seguinte fragmento:

Na realidade, eu queria fazer direito. Mas eu sempre fui educada num lar ucraniano e muito politizado. ‘Porque a Ucrânia, porque um dia ela vai ser independente!’. Essa geração acima de mim, os meus pais, os imigrantes, [eram] mais intelect’uais, [...] e meus pais, eles acompanhavam a situação da Ucrânia, como estava, e tal, e eu fui educada de servir, de que eu tinha que fazer algo pela Ucrânia, então como eu tinha pendor para escrever, [...] eu também participava dos trabalhos da sociedade ucraniana, então eu sempre fui educada assim: ‘Um dia você há de escrever a história deles, um dia você há de escrever a história deles!’. ‘Direito? Não! Para você seria melhor fazer curso de História.’ (Oksana Boruszenko, 2017).

Nesse trecho, a justificativa para a escolha da carreira vincula-se a uma necessidade de registrar a história de um grupo em específico: os ucranianos. A escolha também é ancorada no fato de representar seu lar como um ambiente politizado e culto.

A memória é um fator inerente às narrativas identitárias: “Memória e identidade [...] devem ser trabalhadas em conjunto, pois constituem elementos que se sobrepõem, se imbricam” (Stein, 2011, p. 32). Portanto, esses dois conceitos constituem parte da vivência do indivíduo com as demais pessoas à sua volta e “[...] o grupo ou sociedade à qual pertence” (Stein, 2011, p. 33). Assim, a construção da memória está sujeitada pelas relações que envolvem o indivíduo no passado e no presente. Para Stein:

É esse conjunto, em grande parte, que formata as interpretações sobre o vivido, as quais podem ser usadas também com o objetivo de ‘conservar’, ou atualizar, determinadas práticas coletivas que os indivíduos, isoladamente ou em grupo, consideram importantes. (Stein, 2011, p. 33).

Joël Candau denomina de memória geracional as memórias que agregam peso familiar e ligam diferentes gerações. Para o autor, “a memória geracional é também uma memória de fundação que tem seu lugar no jogo identitário” (Candau, 2011, p. 142). A respeito das relações entre memória e identidade, Kathryn Woodward enfatiza a questão da diferença como motivo para estabelecer uma identidade, assim marcando posições entre uma identidade e outra:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação [...] ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de *exclusão social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. (Woodward, 2000, p. 39-40, grifos no original).

A diferença é algo que separa uma identidade da outra, é como o indivíduo se constrói e se entende em relação ao outro. Assim Woodward completa essa explicação: “Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por ‘cultura’” (Woodward, 2000, p. 41). Nesse sentido, a expressão utilizada por Boruszenko – “[...] eu fui educada de servir, de que eu tinha que fazer algo pela Ucrânia” – carrega traços identitários profundos cunhados através da percepção das diferenças em relação ao país em que veio morar e do sentimento de dever para com o lugar em que nasceu.

A epígrafe no início deste artigo pertence ao trecho da narrativa de Boruszenko em que ela fala sobre a decisão de cursar História – uma afirmação com traços de nostalgia, pois, se um dia ela foi considerada uma pesquisadora de renome na área da história da imigração ucraniana, hoje se vê posta de lado, uma referência a ser consultada a título de levantamento bibliográfico. A respeito do medo do esquecimento e do desejo do indivíduo de inscrever-se numa memória eterna, Candau menciona: “Cada indivíduo sabe que, uma vez que a profundidade de sua própria memória não vai além de duas ou três gerações, ele mesmo será totalmente esquecido algum tempo após a sua morte” (Candau, 2011, p. 139).

“O pior é que a gente tinha que se virar”

Ao contar sobre as decisões que tomou em relação à profissão que seguiria, Boruszenko destaca de sua trajetória acadêmica o período em que concluiu a graduação em História pela UFPR, em 1963, o doutorado na Alemanha,

defendido em 1972, e o retorno ao Brasil, para lecionar “no dia seguinte”, na primeira turma do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. Além disso, ela informa que viajou ao Canadá para ministrar cursos e à Ucrânia, diversas vezes, para lecionar e pesquisar. Avalia que trabalhava-se muito, lecionava-se muito e era preciso pesquisar. Em suas palavras: “[...] não eram muitos os professores, mas eram obrigados inclusive a fazer a pesquisa, e tinha que mandar relatório para o CNPq, e tal” (Oksana Boruszenko, 2017). Na sequência de sua fala, Boruszenko enfatiza as dificuldades em realizar pesquisas juntamente com as atividades de ensino e aquelas ligadas à burocracia administrativa:

Já fui chefe de departamento, o que mata a gente é o trabalho administrativo, então isso acaba com a gente. O tanto de relatório que a gente tem que fazer no fim do ano... Mas se você tinha ganhado alguma verba para alguma pesquisa, aí era pior ainda, era melhor fazer pesquisa por conta própria. Só que a gente gastava o dinheiro da gente. Mas durante a ditadura foi estipulado quantos artigos tinha que publicar em revistas científicas, então se trabalhava bastante. A gente tinha tempo integral e dedicação exclusiva à universidade, mas era um dinheiro suado. (Oksana Boruszenko, 2017).

O trecho acima remonta a um momento político específico no Brasil que envolveu a repressão e o controle ideológico por parte do Estado, ao mesmo tempo em que o investimento no ensino superior e na pesquisa aumentou. Houve, ainda, o interesse do governo brasileiro em aumentar o número de pós-graduações oferecidas no país. Essa decisão não ocorreu por acaso, tratou-se de uma decisão do governo militar. Segundo Lúcia de Assis Alves, a “[...] pulverização das faculdades isoladas não possibilitava a mobilização política dos estudantes nas instituições públicas do país” (Alves, 2005, p. 25). No entanto, a falta de corpo docente qualificado e com produção científica que atendesse aos requisitos para a implantação das pós-graduações levou ao desenvolvimento da pesquisa no país, com a criação da garantia do Regime de Tempo Integral (RTI) e da Dedicação Exclusiva (DE) no fim da década de 1960. A bolsa para a realização do curso de pós-graduação era oferecida fora do país com liberação de verbas do governo através de duas agências de fomento, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), criadas em 1951 (Alves, 2005, p. 27). Sobre as suas atividades de pesquisa, Boruszenko pondera:

A gente pesquisava. O pior é que a gente tinha que se virar, não eram muitos os professores. Se um tinha aula em São Paulo – no doutorado em São Paulo, ainda não tinha doutorado aqui [...] –, então outro tinha que substituí-lo. (Oksana Boruszenko, 2017).

O momento a que o trecho acima se refere é anterior à expansão da pós-graduação no Brasil, nos anos 1970. Marta Ferreira Abdala Mendes aponta que em 1951, na transição entre o governo de Eurico Gaspar Dutra e o de Getúlio Vargas, foram criadas as agências de fomento “[...] como um órgão financiador de pesquisas, que naquele momento esteve mais voltado ao apoio às pesquisas em física nuclear, bem como à criação da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior [...]” (Mendes, 2006, p. 133). Ou seja, a criação da Capes foi uma ação estratégica com vistas à segurança e ao desenvolvimento nacional no pós-Segunda Guerra Mundial. No entanto, após a criação da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), em 1959, a Capes perdeu força e verbas para o financiamento de pesquisas.

A dedicação exclusiva não foi uma oferta, e sim uma reivindicação que não estava baseada apenas na consolidação científica da pesquisa, mas também no incentivo salarial. No entanto, o que de início era uma complementação com bolsa sem descontos nos encargos salariais em 1974 passou a ser uma complementação salarial incorporada aos vencimentos, devido às várias perdas salariais que os professores estavam sofrendo (Alves, 2005, p. 40).

Na década de 1960, as universidades brasileiras passaram por uma série de transformações, em especial em 1968, com a reforma universitária. Ocorreram mudanças relacionadas ao funcionamento administrativo nas universidades, os cargos do sistema de cátedras que os docentes ocupavam deixaram de existir e implantou-se o modelo departamental. Houve ainda alterações no sistema de ensino, tanto universitário quanto escolar.⁴ Na mesma década, a pós-graduação foi aceita pelo Ministério da Educação como sendo mais um nível de ensino, o que possibilitou acesso de um número maior de estudantes a esse segmento em diferentes áreas do conhecimento.

A respeito da participação e atuação de mulheres no campo universitário, Jacqueline Leta afirma que foi a partir dos anos 1970 que as mulheres começaram a fazer parte das estimativas sobre atuação na universidade. A pesquisadora também cita um estudo feito pela Organização das Nações Unidas

4 Ver mais em Balbachevsky (2005).

para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1996, sobre a participação de mulheres nas instituições de ensino superior na América Latina, Ásia e Europa Ocidental: “[...] esse crescimento aponta para uma maior entrada de mulheres no sistema de C&T, se considerarmos essas instituições, as universidades, como aquelas responsáveis por grande parte da ciência mundial” (Leta, 2003, p. 273). Boruszenko tornou-se docente universitária e iniciou sua atuação como pesquisadora nesse contexto.⁵

A historiadora também fala sobre suas atividades relacionadas a grupos de pesquisa e sobre os projetos de que participou quando ainda era estudante de graduação:

Havia projetos do departamento. Por exemplo, ‘As estruturas agrárias dos Campos Gerais’ [...] era um projeto abrangente e eu tomava parte deste projeto, mesmo porque eu falava alemão, então era os Campos Gerais, sobretudo Witmarsum, que são alemães menonitas, e eles tinham uma passagem pela Rússia, uma passagem por uma parte da China, então eu fui. Na realidade, eu comecei a trabalhar neste projeto ainda estudante, e depois me integrei no projeto já como professora [...]. (Oksana Boruszenko, 2017).

O fragmento acima indica um dos principais projetos em que atuou como estudante e posteriormente como docente, que resultou na publicação do livro *Campos Gerais: estruturas agrárias*.⁶ Na abertura do referido livro, Altiya Pilatti Balhana escreve:

O estudo abrangeu, ainda, uma apreciação do nível geral de instrução da população de Witmarsum, com base em dados concretos levantados. A coleta de dados, apuração, ordenação crítica e interpretação foram

5 No Censo da Educação Superior realizado em 2016 verificou-se que pouco mais da metade dos alunos nos cursos de Licenciatura em História eram homens; já quando a proporção foi calculada por grande área, como, por exemplo, Humanidade e Artes, a porcentagem de alunas mulheres ultrapassou os 50% (Almeida; Zanlorensi, 2017).

6 Sobre o projeto, encontra-se na apresentação do livro a seguinte definição: “O estudo da estrutura social da comunidade foi elaborado tendo por base a aplicação de 118 questionários com perguntas abertas e estruturadas, os quais foram aplicados junto a todos os chefes de famílias instaladas na Colônia. No preparo do questionário colaboraram Alberto Tomita e Herbert Minich, sendo sua aplicação realizada por Mitiko Okazaki e Oksana Boruszenko. A apuração, tabulação, análise crítica e interpretação dos dados foi completada pela observação direta, além de entrevistas formais e informais. O estudo abrangeu a caracterização da estratificação social da comunidade, da organização das famílias, enfatizados aspectos referentes à juventude de Witmarsum, bem como os padrões familiares de visita e de relacionamento” (Balhana et al., 1968).

realizados com a colaboração de Oksana Boruszenko, sob a orientação de Altiva Pilatti Balhana e Cecília Maria Westphalen, que elaboraram a redação do trabalho. (Balhana et al., 1968, p. 14).

Apesar de ser uma das autoras do livro e já docente do Departamento de História da UFPR, Boruszenko foi mencionada como estando sob a orientação das professoras Altiva Pilatti Balhana e Cecília Maria Westphalen. O papel que foi delegado a Oksana foi o de coletar dados e fontes, porém a transformação desses dados em um texto historiográfico ficou reservado para Balhana e Westphalen. Esse quadro é característico das relações de poder entre professores e alunos nas instituições universitárias e remonta ao período do sistema catedrático no interior delas. Elizabeth Balbachevsky aponta que, mesmo com a reforma universitária de 1968, não houve mudanças em relação ao tratamento tutorial entre orientados e orientadores (Balbachevsky, 2005), pois o *lugar* de atuação do professor destinava-se àquele que detinha cultura para determinar o que deveria ser discutido e estudado pelos alunos.

Boruszenko menciona outro projeto do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná:

Tinha o projeto de levantamento de arquivos, que era também um projeto do departamento. Mas cada um de nós tinha os seus projetos individuais. Eu lidei sempre com imigração, e quando podia eu lidava com imigração ucraniana. Então... escrevia até bastante – oitenta e tantos artigos publicados no exterior, inclusive... Para cumprir, a gente era obrigado a fazer pesquisa, então a gente fazia. (Oksana Boruszenko, 2017).

Sobre a sua relação com colegas pesquisadores e a vinculação com grupos de pesquisa, Boruszenko informa que fez parte de diferentes grupos, mesmo tendo optado mais tarde por seguir um rumo “mais independente” para as suas pesquisas. Ou seja, em que pese o fato dela procurar – por meio da expressão “mais independente” – se constituir como uma pesquisadora com um grau maior de autonomia, ainda assim, essa construção de sua trajetória profissional se dá em relação aos outros historiadores e entidades, como a Anpuh.

Boruszenko conta que, na condição de estudante, atuou na segunda reunião da Anpuh, ocorrida em Curitiba no ano de 1962. Depois, como docente, relacionou-se com outra associação, a SBPH, criada em 1981 a

partir de discordâncias em relação às decisões que a Anpuh estava tomando naquele momento. Ela detalha:

[...] os sócios eram os professores que não concordaram muito com os rumos que a Anpuh começou a tomar, e quando a [...] Emília Viotti [...] começou a participar da Anpuh, muita gente saiu da Anpuh. Saiu da Anpuh e veio para a SBPH. Tanto que ela [referindo-se à SBPH], em 1984, quando eu fui tesoureira, tinha mais de cem sócios do Brasil inteiro, e a coisa era por telefone ou por carta. Telefone da casa da gente, né? Ou por carta, ainda não tinha computador, não tinha internet, não tinha 'Face', nada disso. (Oksana Boruszenko, 2017).

Alguns motivos são apontados em outros textos e documentos acerca das discordâncias entre professores dentro da Anpuh que viriam mais tarde a resultar na criação da SBPH. Boruszenko lembra que o ingresso de Emília Viotti da Costa na associação trouxe desconforto para alguns de seus membros em função da postura política assumida por ela. Além disso, os professores que fundaram a SBPH não concordavam que a Anpuh aceitasse a participação de professores que não fossem universitários,⁷ com título de mestrado ou doutorado e com pesquisas publicadas, e também discordavam que a Anpuh assumisse uma posição política em relação ao governo do período.⁸ Nas palavras de Boruszenko:

Porque a Emília Viotti, além de ela falar tudo que lhe vinha na cabeça, politicamente ela era realmente muito à esquerda para o gosto da maioria, sabe? E tanto que ela teve uma atividade política bem grande, e isso não era do agrado de todo mundo. (Oksana Boruszenko, 2017).

Emília Viotti da Costa exerceu uma carreira dedicada à licenciatura em História e às pesquisas que realizou dentro e fora do Brasil. Foi chamada por

7 Esse assunto foi inicialmente discutido na dissertação *Revista História, Questões & Debates: historiografia e problemática regional (1980-1989)*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Unicentro (Silva, 2013).

8 Os documentos que levam a refletir sobre essas divergências são entrevistas realizadas com Oksana Boruszenko e Guilherme Pereira das Neves, sujeitos envolvidos no processo, e os anais do IX Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História, além de cartas trocadas entre Cecília Westphalen, Maria Beatriz Nizza da Silva e Eurípedes Simões de Paula, disponíveis para consulta no Acervo Cecília Westphalen no Arquivo Público do Paraná.

Angela Alonso de “dama da historiografia nacional” (Alonso, 2017).⁹ Sobre a criação de outro grupo de pesquisa com posições diferentes daquelas que a Anpuh estava tomando, algumas questões podem ser apontadas: à medida que a SBPH visava criar um grupo¹⁰ restrito de professores universitários sem posicionamento político, criava uma oposição entre os paradigmas de pesquisa e ensino e procurava produzir uma historiografia “metódica”, “neutra”, “longe das paixões filosóficas e também políticas”.¹¹

A respeito dos dois grupos de historiadores – Anpuh e SBPH –, Boruszenko tece o seguinte comentário: “[...] tanto a Anpuh como a SBPH eu compararia, assim, à Academia de Letras, com chá às quintas-feiras. Mas isto, quem sou eu para julgar? Isso é particularmente, né?” (Oksana Boruszenko, 2017). Ou seja, trata-se de uma forma extremamente sintética de caracterizar as duas associações, silenciando suas contradições e suas nuances. Ao analisarmos suas interpretações, devemos sempre levar em consideração o momento da entrevista: é quando ela já estava aposentada e não era mais sócia de nenhuma das entidades. A SBPH, da qual ela fez parte como membro da diretoria, encerrou suas atividades em 2005. E sobre as atividades que realizou participando da SBPH como tesoureira, ela relembra algumas dificuldades:

[...] verdade seja dita, que a Maria Beatriz e a Cecília Westphalen, elas eram meio autoritárias. E daí não estava muito bom para mim, eu preferia ser mais independente, e ser tesoureira, convenhamos, não era uma coisa muito fácil, mas a Cecília disse ‘Não, eu te ajudo!’. Ajuda com a palavra. Mas correr, receber cheque, depositar cheque, correio, na época... hoje tem aqui na minha quadra, mas na época não tinha, tinha que ir no correio velho no Santos Andrade. Então aquela pilha de cartas para mandar, quem estava atrás da gente na fila se irritava. Então não foi nem uma nem duas vezes que ouvi desaforo, e sei dizer que me desinteressei, fui me interessando cada vez mais pela pesquisa com os ucranianos. (Oksana Boruszenko, 2017).

9 Viotti iniciou seus estudos universitários ainda nos anos 1940 na Universidade de São Paulo. Sua carreira no Brasil foi interrompida com o golpe militar em 1968, quando o governo lhe imputou aposentadoria compulsória. Depois desse episódio, lecionou na Universidade de Yale.

10 A respeito da formação de grupos científicos e aceitação entre os pares, ver Kuhn (2013), Japiassu (1979) e Certeau (1982).

11 Sobre esse assunto, ver mais em Olinto e Silva (2018).

Como podemos perceber, além das dificuldades de ordem operacional, burocrática, a fala de Boruszenko indica o dissenso, os conflitos no seio da SBPH. Ela relaciona o seu progressivo distanciamento da associação, da qual foi uma das fundadoras, aos problemas na função de tesoureira e às dificuldades em realizá-la em grupo, decorrentes das posturas de associados. Embora em sua fala Boruszenko tente se constituir como alguém que elegeu um caminho autônomo como pesquisadora, estudando a imigração ucraniana, lembremos que a historiadora já pertencia a um grupo de pesquisadores dessa temática. Ancorada em sentimentos patrióticos e destinada pelos pais a escrever a “história da Ucrânia”, a historiadora criativamente atuou em seu local social estabelecendo-se, ou melhor, entendendo a si própria como “[...] a primeira pesquisadora que estudou essa comunidade [a ucraniana] sistematicamente [...]” (Oksana Boruszenko, 2017).

Considerações finais

A entrevista com Oksana Boruszenko perpassou questões relacionadas à sua identidade familiar, de grupo, pessoal e profissional. Tornar-se historiadora e exercer a profissão foi parte de um processo de ressignificações. Além disso, há o sentimento de união de um povo, com uma história que foi narrada, mas também de afastamento geográfico de sua terra natal e, posteriormente, ao final de sua carreira acadêmica, de distanciamento dos grupos científicos dos quais fez parte – a Anpuh e a SBPH.

Sua trajetória individual está associada a um macrocontexto, ligado à Segunda Guerra Mundial e especialmente às imigrações forçadas. A importância do conflito como marco em sua narrativa pode ser notada no momento em que ela informa o ano de seu nascimento: “Eu nasci em 1939, quando começou a Segunda Guerra” (Oksana Boruszenko, 2017). Além disso, a entrevista permite perceber uma série de experiências que são utilizadas para tecer a sua própria história em conexão com a história do Brasil e a da Ucrânia, especialmente a da imigração ucraniana, o que indica – assim como a decoração da sala de seu apartamento – o esforço em reafirmar seu pertencimento étnico.

Em meio às suas memórias, foram constituídas lembranças de momentos vividos e maneiras de ser e estar em um meio social que levaram a historiadora a preferir, na maioria das vezes, pesquisas relacionadas à imigração

ucraniana. Ao narrar, sempre falamos um pouco dos outros, mas muito sobre nós mesmos, sobre as intrigas, os elementos concordantes e discordantes, muitas vezes incoerentes, que utilizamos na constituição de nossas trajetórias de vida.

Referências

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Anpuh-PB, 2003.

ALMEIDA, Rodolfo; ZANLORENSSI, Gabriel. Gênero e raça de estudantes do ensino superior no Brasil por curso e área. *Nexo*, São Paulo, 13 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/grafico/2017/12/13/G%C3%AAnero-e-ra%C3%A7a-de-estudantes-do-ensino-superior-no-Brasil-por-curso-e-%C3%A1rea>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

ALONSO, Angela. A senhora da história. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, v. 244, jun. 2016. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/06/15/a-senhora-da-historia/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BALBACHEVSKY, Elizabeth. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. In: BROK, Colin; SCHWARTZMAN, Simon (Org.). *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 275-304.

BALHANA, Altriva Pilatti et al. *Campos gerais: estruturas agrárias*. Curitiba: UFPR, 1968.

BORUSZENKO, Oksana. Os ucranianos. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, Curitiba, v. 22, n. 108, 1995.

CANDAU, Joël. O jogo social da memória e da identidade (2): fundar, construir. In: _____. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

GARIN, Leonardo Podolano. *A imigração ucraniana em Curitiba*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – UFPR, Curitiba, PR, 2010. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2012/06/GARIN-Leonardo-Podolano1.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico*, n. 34, 1996.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARTOG, François. *A evidência da história: o que os historiadores veem*. Tradução Guilherme João de Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

- JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18408.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- MENDES, Marta Ferreira Abdala. *Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – FioCruz, Rio de Janeiro, RJ, 2006.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993.
- OLINTO, Beatriz Anselmo; SILVA, Bruna. História e filosofia: em busca das afinidades esquecidas. In: MOTTA, Márcia; MARTINS, Monica (Org.). *História & parcerias*. Seropédica: EDUR, 2018. p. 263-287.
- PUH, Milan; KRAUSE-LEMKE, Cibele, JACUMASSO, Tadinei. Sempre irmãos, sempre unidos, sempre ucranianos: diálogos entre comunidades ucranianas de imigração. In: GÄRTNER, Mariléia; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; (Org.). *Diálogos interculturais: extensão e pesquisa em contextos de imigração eslava*. São Paulo: Todas as Musas, 2016. p. 86-117.
- RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. [Conferência originalmente proferida em inglês, Budapeste, 8 mar. 2003; tradução para o português publicada pela Universidade de Coimbra]. 2003. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- SILVA, Bruna. *Revista História, Questões & Debates: historiografia e problemática regional (1980-1989)*. Dissertação (Mestrado em História) – Unicentro, Irati, PR, 2013.
- STEIN, Marcos Nestor. *O oitavo dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios-PR (segunda metade do século XX)*. Guarapuava: Unicentro, 2011.
- TARAS Chevtchenko. *Representação Central Ucrâniano-Brasileira*, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.rcub.com.br/rcub/cultura/personalidades/taras-chevtchenko/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- WACHOWICZ, Ruy C. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

Fontes orais

BORUSZENKO, Oksana [78 anos]. [mar. 2017]. Entrevistador: Bruna Silva. Curitiba, PR, 13 mar. 2017.

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise da entrevista oral produzida com Oksana Boruszenko, ucraniana trazida pelos pais para o Brasil ao final da Segunda Guerra Mundial. Boruszenko graduou-se em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) na década de 1960, logo após cursou doutorado em Munique, na Alemanha, pela Ludwig Maximilian Universität (LMU), retornou ao Brasil e, em seguida, lecionou na UFPR. A historiadora dedicou a maior parte das suas pesquisas à imigração ucraniana. Além disso, integrou o grupo de fundadores da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), na qual exerceu o cargo de tesoureira nos anos de 1984 e 1985. Nossa análise tem como foco central a forma como Oksana Boruszenko constrói a própria trajetória de vida através da narrativa oral, principalmente sua identidade de imigrante ucraniana e seu ofício de historiadora.

Palavras-chave: Oksana Boruszenko. Narrativa. Identidade. Imigração ucraniana. SBPH.

“One day you will write their history!”: identities, historians and immigration

Abstract: This article aims to present an analysis of an oral interview with Oksana Boruszenko, a Ukrainian brought to Brazil by her parents at the end of World War II. Boruszenko graduated in History from the Universidade Federal do Paraná (UFPR) in the 1960s. Shortly after, she pursued a doctorate degree at the Ludwig Maximilian Universität in Munich, Germany. She returned to Brazil and went on to teaching at UFPR. The historian devoted most of her research to Ukrainian immigration. In addition, she was part of the group that founded the Brazilian Historical Research Society (SBPH), of which she was treasurer in 1984 and 1985. Our analysis of Oksana Boruszenko's oral narrative focuses on how she builds her life trajectory, in which she associates the Ukrainian immigrant identity and her work as a historian.

Keywords: Oksana Boruszenko. Narrative. Identity. Ukrainian immigration. SBPH.

Recebido em 20/08/2018

Aprovado em 16/10/2018